
A Sociologia disposicionalista hoje: entrevista com Bernard Lahire

Dispositionalist Sociology today: interview with Bernard Lahire

Entrevistado

Bernard Lahire

École Normale Supérieure de
Lyon

Entrevistadores

Cristiano das Neves Bodart

Doutor em Sociologia (USP).
Universidade Federal de Alagoas
(UFAL).

E-mail:

cristianobodart@gmail.com

Plácido Adriano de Moraes Nunes

Mestre em Sociologia pela
Universidade Federal de Alagoas
(UFAL).

E-mail:

placido.adriano@hotmail.com

Resumo

A teoria disposicionalista ganhou destaque especialmente por meio de Pierre Bourdieu e dos esforços mais recentes derivados de suas contribuições. Nesse contexto, temos presenciado avanços substantivos e criativos, destacando-se as contribuições de Bernard Lahire, pesquisador que é, sem dúvida, um dos principais sociólogos disposicionalistas da contemporaneidade, sobretudo por apresentar progressos em relação à Sociologia de Pierre Bourdieu. Autor de "L'homme pluriel" (1988), "Portraits sociologiques" (2002), "La culture des individus" (2014), ele vem dedicando-se, nos últimos anos, à análise sociológica dos sonhos, tendo publicado dois volumes da obra "L'interprétation sociologique des rêves" (2018; 2021). Aqui, trazemos uma entrevista com esse pesquisador de reconhecimento internacional.

Palavras-chaves: Teoria Disposicionalista. Bernard Lahire. Trajetórias. Sonho.

Abstract

The dispositionalist theory gained prominence especially through Pierre Bourdieu and the more recent efforts derived from his contributions. In this context, we have witnessed substantive and creative advances, highlighting the contributions of Bernard Lahire, a researcher who is undoubtedly one of the main dispositionalist sociologists of contemporary times, especially for presenting progress in relation to Pierre Bourdieu's Sociology. Author of "L'homme pluriel" (1988), "Portraits sociologiques" (2002), "La culture des individus" (2014), he has been dedicating himself, in recent years, to the sociological analysis of dreams, having published

two volumes of the work "L'interprétation sociologique des rêves" (2018; 2021). Here, we bring an interview with this researcher of international recognition.

Keywords: Dispositionalist Theory. Bernard Lahire. Trajectories. Dream.

Professor, como se deu a sua aproximação com a Sociologia disposicionalista?

Lahire: Quando comecei meus estudos em Sociologia na universidade, eu me beneficieei de um amplo espectro de professores-pesquisadores, que representavam “correntes” sociológicas muito variadas (do interacionismo de Goffman à teoria de Marx, passando por Touraine, Bourdieu e alguns outros). Pude comparar progressivamente os programas científicos e constatei à época que o programa, tanto teoricamente poderoso quanto empiricamente muito fecundo era aquele sustentado por Pierre Bourdieu, que, de fato, é uma mistura das Sociologias durkheimiana, weberiana e marxista, para ser breve. Então, segui essa trilha, continuando a ler os outros autores (senti que o dogmatismo, tanto dos discípulos marxistas quanto o dos bourdiesianos eram profundamente incompatíveis com o espírito científico). A teoria do *habitus* apreendeu as dimensões da vida social, que me interessavam particularmente (processo de socialização ou incorporação, internalização das estruturas do mundo social, sociogênese dessas disposições, atualização dessas disposições etc.). Batalhei muito com o conceito de *habitus* (que nunca usei em meus trabalhos), que pressupunha que as disposições se organizassem na forma de “sistemas”, que elas se transferiam necessariamente de um contexto a outro, que elas fossem todas tão fortes quanto umas às outras etc., tantos pontos problemáticos do meu ponto de vista. Discuti, então, teoricamente, cada ponto da teoria do *habitus* [em obras como “O Homem plural” (1998), “Nas dobras singulares do social” (2013), “Mundo plural” (2012)] e conduzi pesquisas que me permitiram decidir em debates teóricos [“Tabelas de famílias” (1995), “Retratos sociológicos” (2002), “A cultura dos indivíduos” (2004), “Franz Kafka” (2010)]. Foi assim que desenvolvi uma Sociologia disposicionalista mais adaptada à pesquisa.

O senhor é considerado um dos pesquisadores mais exitosos na busca por avanços no interior da Sociologia disposicionalista. Notamos que o senhor não se utiliza do conceito de “habitus”, tal como proposto do Bourdieu. Isso estaria ligado a uma opção teórica de reduzir o peso das classes sociais dos indivíduos na explicação das disposições sociais destes?

Lahire: Minha disputa científica com Bourdieu não está de forma alguma ligada à questão da classe social. A classe social, ou mais exatamente a classe de condições de existência, é central tanto para mim quanto para Bourdieu. Alguns leitores pensaram que meu interesse pelas singularidades individuais [por exemplo, os casos de sucessos escolares estatisticamente improváveis em ambientes populares, as variações intraindividuais das práticas e preferências culturais em “A cultura dos indivíduos” (2004), o estudo do trabalho de criação literária em “Franz Kafka”, ou o estudo dos sonhos] significava um abandono da determinação de classe. Uma simples leitura dos meus trabalhos permite ver que este não é absolutamente o caso. Trabalhei sempre nas realidades de classe [desde o meu primeiro trabalho de tese sobre o fracasso escolar de crianças de ambientes populares até “Infâncias de Classe” (2019), que estudou as desigualdades de classe visíveis, desde a infância] e mesmo quando conduzo os estudos de caso de indivíduos singulares, eles estão sempre situados no espaço social, nas classes e nas frações de classe. Mas o que estou dizendo é que a classe social não é suficiente para “definir” socialmente um indivíduo. Um indivíduo singular tem uma origem social, uma trajetória social, um gênero, um tipo de formação escolar e, às vezes, de formação política ou religiosa, um tipo de orientação profissional etc.

Também observamos em seus escritos um distanciamento em relação ao conceito bourdiesiano de “Campo”...

Lahire: Fiz com o conceito de campo o que fiz com o conceito de *habitus*: submeti-o a uma crítica para ver como ele poderia ser útil. Tratava-se de mostrar que qualquer contexto pertinente não é necessariamente um “campo”, nem mesmo um

“mundo” (no sentido de Howard Becker ou de Anselm Strauss), e que além disso é útil distinguir os vários tipos de “campos” (por exemplo, “jogos”, como “jogo literário”, como “campos secundários”). Progride-se cientificamente, frequentemente, quando se consegue mostrar que um conceito que se apresenta sob a forma de um conceito geral, como os de *habitus* e de *campo*, é de fato apenas um caso particular de um fenômeno mais geral.

Posso resumir o resultado da minha reflexão e de minhas pesquisas sob a forma das seguintes cinco proposições:

1) Existem sociedades “sem campo” (como existem sociedades “sem Estado”, “sem escrita”, “sem escola” ou “sem esfera de atividade econômica diferenciada”). Os campos têm uma história e só têm sentido no contexto de sociedades diferenciadas. O conceito de campo, portanto, não é universalmente pertinente e a existência de um campo depende da natureza histórica das configurações sociais que os atores sociais formam entre si.

2) Mesmo em sociedades diferenciadas, nem todo contexto de ação pertinente é necessariamente um campo. Os campos são universos próprios das classes dominantes ou das elites. São, antes de tudo, “campos de poder” (como os precisou, às vezes, Bourdieu). Os campos não cobrem, além disso, a integralidade da realidade da divisão do trabalho no cerne das classes dominantes. São maneiras particulares de olhar essas realidades sob o ângulo das competições e lutas permanentes pela apropriação de um capital específico (político, jurídico, jornalístico, religioso, científico, econômico, artístico, literário, esportivo etc.) ou pela redefinição desse capital.

Essa simples constatação deve conduzir os pesquisadores a desenvolver uma reflexão e projetos de pesquisa:

- Em universos sociais (mundos, instituições, configurações mais ou menos amplas de relações de interdependência ou quadros de interação) que não são campos (por exemplo, a família que não é, no sentido preciso do termo, um “campo”);

- Em todos os momentos fora do campo (por exemplo, práticas “amadoras” ou de lazer, sem outras questões locais e que não deem lugar a lutas de mesma natureza que nos campos) onde agem e interagem os atores pertencentes ou não, além disso, a um campo (por exemplo, o conjunto de interações informais da vida cotidiana entre

desconhecidos ou entre próximos, os “eventos de linguagem improvisados e passageiros” (Cicourel), que não são sempre atribuíveis a campos específicos de atividades e que, muitas vezes, foram o objeto de análises interacionistas ou etnometodológicas);

- Em cenas socialmente mistas, em que entram em interação os indivíduos membros de um campo e aqueles que não participam na competição organizada no cerne do campo, mas que são simples apoios ou ajudas para os “competidores” (por exemplo, o conjunto de equipes técnicas subordinadas, sem as quais as competições não teriam lugar, mas que não são elas mesmas os agentes do campo);

- Nas cenas dominadas, sem grandes questões de poder, que põem em jogo exclusivamente os dominados (não há evidentemente “campos” das classes populares? Das donas de casa? Dos desempregados de longa duração? Dos sem-teto?, etc.). Isso não quer dizer que toda a competição estaria ausente dos grupos ou categorias dominados. Mas a existência de concorrências, de competições ou de lutas não é, contudo, suficiente para se poder falar de “campo”.

3) Quando se está lidando com um campo, no sentido histórico do conceito, ou seja, de um microcosmo social que historicamente se diferenciou de outros microcosmos existentes e onde se travam as lutas pela apropriação de “poder” específico, pode-se ainda operar diferenças entre famílias de campos. A tomada em consideração das propriedades específicas dos diferentes campos, e não apenas de suas propriedades invariantes, que tinham sido muito amplamente privilegiadas até então pelos usuários do conceito, conduz à necessária especificação dessa teoria.

4) Podemos deplorar o deslize para uma explicação reducionista das práticas ou das produções (por exemplo, obras, discursos etc.) pelo campo: tudo se explicaria pela posição no campo; a verdade de qualquer prática dentro do campo seria encontrada inteiramente nos limites do campo, e os atores sociais são assim reduzidos a seu ser-como-membro-do-campo. Do avanço científico, que consistia em especificar os determinantes sociais que pesavam sobre as condutas (conforme notadamente as análises marxistas, que relacionam tudo à estrutura das relações de classe), caminhamos para o confinamento nos limites restritos do campo. O pesquisador então esquece que a vida fora do campo (anterior à entrada no campo - na família, na escola

e em toda uma série de outros quadros de socialização - mas também paralela à vida no campo) é importante para compreender o que se está jogando em seu interior.

5) A crítica aos desvios reducionistas da teoria de campo é tanto mais pertinente porque estamos lidando com o que chamei de “jogo”. Levar em consideração os espaços e os tempos fora do campo coloca parcialmente em questão a noção muito vaga de “autonomia” à qual podemos preferir aquelas de especificidade e independência. O que se joga no jogo literário é específico e irredutível ao que se joga nos campos filosófico ou sociológico, mas de forma alguma separável do que vive, ou viveu, os escritores no exterior do jogo (“A condição Literária”, 2006).

Ao analisar trajetórias em busca de “captar” os processos de incorporação de disposições sociais, não há o risco de cair naquilo que Bourdieu denominou “ilusão biográfica” e ter um resultado de pesquisa enviesado por essa “ilusão”? Como contornar ou superar isso?

Lahire: Bourdieu clamou vigilância em relação aos estudos biográficos porque viu muitas reconstruções biográficas mal feitas. Por exemplo, alguns faziam como se cada biografia fosse a realização de um destino inscrito desde a origem. Por exemplo, você sabe que Sartre ou Flaubert tiveram uma carreira excepcional nos mundos filosófico ou literário, e você faz como se o destino deles estivesse selado desde o nascimento. É uma visão teleológica que faz como se tudo fosse jogado de antemão. E, então, Bourdieu pensou, com razão, que a vida não se desenrola como a história que se conta dela e qual borracha apaga todas as hesitações, as repetições, as bifurcações, as crises etc. Mas seu artigo foi usado por seus discípulos como um tipo de condenação a qualquer abordagem biográfica, o que é perfeitamente absurdo. É absurdo porque mesmo a teoria do *habitus* exige tal abordagem para poder reconstruir a sociogênese das disposições ao longo de uma trajetória de vida. Discuti tudo isso em “Franz Kafka: elementos para a teoria da criação literária” (2010). Uma biografia sociológica digna desse nome deve ser uma biografia das diferentes etapas e dos diferentes quadros de socialização do indivíduo (familiar, escolar, profissional, religiosa etc.).

O senhor defende ser profícuo aplicar uma sociologia disposicionalista ao estudo e à interpretação dos sonhos. Em linhas gerais, quais são as potencialidades e vantagens sobre outros métodos e teorias sociológicas?

Lahire: Para compreender um sonho, ele deve ser apreendido na interseção do passado incorporado do sonhador (disposições ou esquemas de experiência incorporada) e do tempo presente do sonho (o quadro do sono caracterizado por um conjunto de propriedades). Acredito que, se não reconstruir o passado incorporado, não se pode acessar o sentido do sonho, pois o sonhador encena em seus sonhos os grandes problemas que permanecem sem solução em sua existência. Uma grande parte desses problemas remonta à infância, à adolescência ou à vida adulta passada e raramente se relacionam com problemas muito recentes, exceto em casos de sonhos pós-traumáticos. É necessário, portanto, conhecer bem a vida passada das pessoas. E para isso é preciso reconstruir a biografia sociológica delas.

Professor, a sua pesquisa sobre os sonhos demandou uma estreita aproximação com os colaboradores entrevistados. Em situações como essa, como garantir que a aproximação seja profícuo para uma coleta de dados e tenha valor científico?

Lahire: Freud não registrava as suas sessões com os seus pacientes, não tomava notas durante as sessões e atendia vários pacientes no curso de um mesmo dia. Além disso, ele não fazia perguntas aos pacientes e apenas coletava um número limitado de sonhos, às vezes um único sonho. É impossível, nessas condições, fazer um trabalho cientificamente rigoroso. Procedi com grande rigor e sistematicidade. Eu coletei uma série de relatos de sonhos (até mais de 1.000 para uma mesma pessoa). Esses sonhos foram escritos sob condições precisas. Depois, conduzi entrevistas biográficas e entrevistas focadas nos próprios sonhos, fazendo perguntas precisas sobre os diferentes elementos que constituem os sonhos. As entrevistas foram gravadas e transcritas, e eu fiz até 61 horas de entrevistas com a mesma pessoa. É

todo esse trabalho que garante a solidez das interpretações que formulo em “La part rêvée” (2021). Nesse segundo volume, publico os sonhos e suas interpretações, especificando as condições metodológicas que acabo de expor brevemente. Todos serão, portanto, capazes de julgar, com base nas evidências, a pertinência de minha abordagem.

A Sociologia, quando investiga a intimidade dos indivíduos, não corre o risco de ser confundida com a Psicologia social ou a Psicanálise? Quais precauções são necessárias nesse tipo de pesquisa para que nós não nos afastemos de um fazer sociológico?

Lahire: Não penso que haja qualquer confusão possível. Nem a teoria, nem o método são idênticos. Teoricamente, a Sociologia não está interessada apenas na família, na primeira infância e na dimensão sexual dos comportamentos. E metodologicamente, já tive a ocasião de descrever as diferenças durante o nosso intercâmbio. Além disso, se a entrevista sociológica pode ter efeitos terapêuticos, como quando se confia a um amigo que o escuta durante várias horas, ao contrário de Freud, não estou aqui para tratar as pessoas, mas para trazer-lhes um conhecimento precioso sobre si mesmas. Enfim, ao apontar as raízes sociais de nossos problemas ou de nossas preocupações, a Sociologia dos sonhos não só permite um efeito terapêutico, mas possibilita uma política de transformação do mundo (das estruturas sociais).

A sua produção é extensa e de duração temporal considerável. Entre a publicação de “L’homme pluriel”, em 1998, e os dois volumes de “L’interprétation sociologique des rêves”, de 2018 e 2021, há concepções conceituais e/ou metodológicas que tenham se modificado de forma substantiva? Ou seja, a sua Sociologia sofreu alterações substantivas nesse período?

Lahire: ela não mudou, mas tornou-se mais refinada, às vezes, complexificada. Por exemplo, a fórmula geral de interpretação das práticas [Disposições (passado

incorporado) + Contexto (presente) = Práticas] tornou-se complexificada para ter em conta as especificidades dos contextos (por exemplo, do contexto literário ou do quadro do sono) ou da natureza das práticas ou produções estudadas (escolares, culturais, literárias ou oníricas). Toda pesquisa científica permite progredir, complexificar ou, ao contrário, simplificar no momento que a sofisticação torna as coisas menos claras. Tenho a impressão, por exemplo, de que dei um passo importante com meu trabalho sobre Kafka, depois com esse trabalho sobre os sonhos. Tive, por exemplo, que forjar a noção de “problemática existencial” (conjunto de problemas que cada um de nós carrega dentro de si em função de suas experiências de socialização e seu percurso pessoal), para compreender o trabalho de criação literária ou o trabalho de produção onírica, que são as transposições desses problemas.

Quais são os principais desafios da Sociologia disposicionalista hoje, em termos da agenda de pesquisa?

Lahire: Conquistar repetidamente os novos territórios, os novos objetos! A única conquista aceitável é metafórica: é a conquista do conhecimento! Quando eu tinha 30 anos, não pensava poder um dia fazer uma Sociologia dos sonhos, uma Sociologia da criação literária ou uma Sociologia da infância. Há tanta coisa a fazer e a descobrir, que só espero viver o suficiente para ainda poder fazer algumas grandes descobertas.

Recebido em: 29 de nov. 2021.

Aceito em: 29 de dez. 2021.

COMO REFERENCIAR

LAHIRE, Bernard. A Sociologia disposicionalista hoje: Entrevista com Bernard Lahire. Entrevista concedida a Cristiano das Neves Bodart e Plácido Adriano de Moraes Nunes. *Latitude*, Maceió, v. 15, n. 2, p.307-315. 2021. DOI: <https://doi.org/10.28998/lt.2021.n.2.13532>